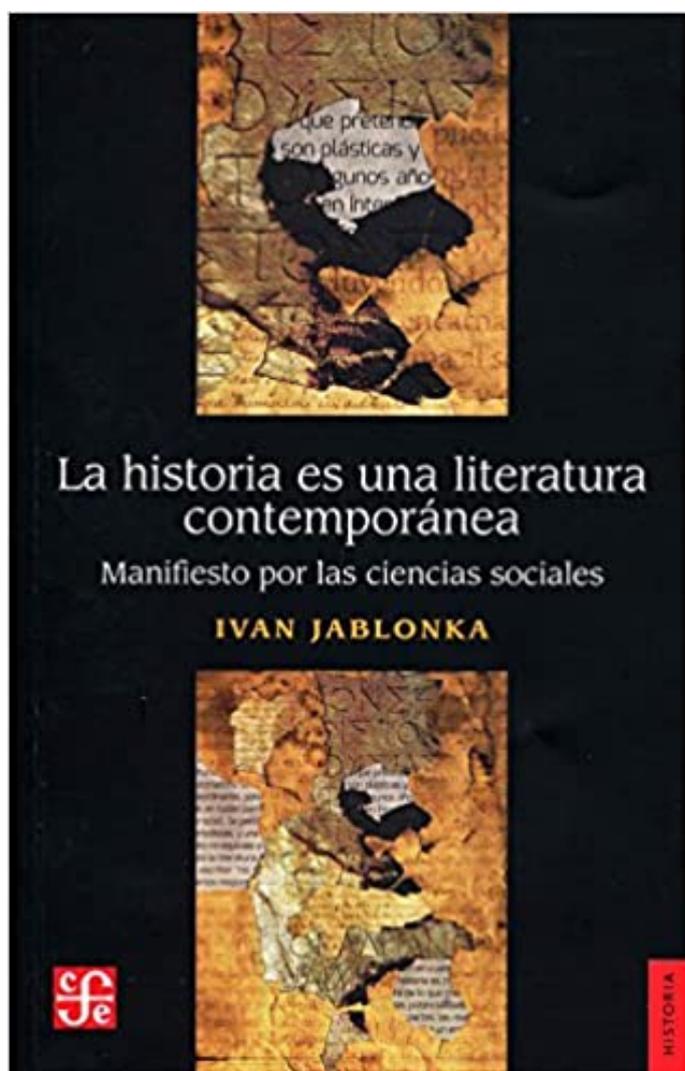


# Um livro-catedral:

*história e literatura  
sob a ótica de Ivan Jablonka*



*Einstein Augusto da Silva*

Mestre e doutorando em História pela Universidade de Brasília (UnB). Autor de *O cancro vermelho: a campanha anticomunista no jornal O Anápolis (1945-1964)*. Goiânia: Kelps, 2014. 101einsteinaugusto@gmail.com

## Um livro-catedral: história e literatura sob a ótica de Ivan Jablonka

A cathedral-book: history and literature from Ivan Jablonka's perspective

*Einstein Augusto da Silva*

JABLONKA, Ivan. *La historia es una literatura contemporánea*: manifiesto por la ciencias sociales. Traducción: Horacio Pons. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016, 348 p.



Se tivesse que traduzir numa metáfora o livro *La historia es una literatura contemporánea*: manifiesto por la ciencias sociales, de Ivan Jablonka, diria que essa obra é uma catedral gótica contemporânea, em que cada um dos elementos constituintes encontra-se claramente exposto, deixando patente a funcionalidade necessária de todos eles.

Essa metáfora visa dar uma ideia da estruturação da obra resenhada. Por sua vez, esta resenha tem a intenção de demonstrar suas potencialidades e ao mesmo tempo afirmar sua legitimidade enquanto representação da escrita da história e sua força enquanto manifesto.

Para tanto, procurarei colocar em prática nesta resenha uma sugestão contida no livro resenhado: fazer experiências literárias no âmbito da história. Aqui, farei uso das notas como espaço de interlocução digressiva<sup>1</sup>, onde se instaura(m) outra(s) voz(es) narrativa(s).<sup>2</sup> Entretanto, essa experiência não pretende atentar contra o que Paul Ricoeur denomina “pacto implícito”<sup>3</sup>, estabelecido entre uma obra histórica e seus supostos leitores.

O livro *La historia es una literatura contemporánea* pode ser caracterizado como uma obra teórica que trata dos pressupostos e procedimentos da história numa perspectiva reflexiva, analisando-a por dentro e que lançando o olhar ao

<sup>1</sup> Interlocução no sentido de “1) Conversação entre duas ou mais pessoas; 2) Interrupção do discurso pela fala de novos interlocutores”. Digressiva no sentido de: “1) Desvio de rumo ou assunto; 2) Excursão, passeio”. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 776 e p. 475.

<sup>2</sup> “Nacida en el siglo XVII en la República de las Letras, elevada por Gibbon al rango de arte en el siglo XVIII, adoptada por el sistema universitario alemán en el siglo XIX, la nota se convirtió en billete de entrada al templo de la ciencia. Una de sus facultades es hacernos ‘salir’ del relato, narrativa pero sobre todo epistemologicamente, al suministrar la referencia bibliográfica o archivística que ha de confirmar las palabras: el historiador no es su propia fuente, y la invocada por él en apoyo de sus dichos es verificable. Este sistema de prueba es más que un puntal: la arquitectura del razonamiento histórico”. JABLONKA, Ivan. *La historia es una literatura contemporánea*: manifiesto por la ciencias sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016, p. 273.

<sup>3</sup> “Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa, um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora informalizado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor”. RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 275.

redor dela com a intenção de compreendê-la melhor. Por esses motivos, esse livro pode ser considerado também um tratado metahistórico.

Para Ivan Jablonka, tanto a história quanto a literatura abrigam-se sob o paradigma do relato e possibilitam um conhecimento sobre o mundo. Assim, para o autor, é importante perceber e conceber a história como uma atividade intelectual que, ao tentar entender o que os homens fizeram ou fazem de verdade, revela estruturas de significação e põe em relevo uma sintaxe do real.

Desse modo, quando constrói estruturas de significação, a história – por meio do raciocínio histórico – produz inteligibilidade tanto na vida dos desaparecidos (dos que viveram no passado) quanto em nossa existência (no presente), tornando, dessa forma, a realidade menos opaca.<sup>4</sup> A história, então, é concebida por Jablonka como uma ciência interpretativa em busca de sentido.

O raciocínio histórico<sup>5</sup>, segundo o autor, consiste em procurar compreender e, conseqüentemente, em oferecer instrumentos para que outros possam também compreender. Nessa perspectiva, o raciocínio histórico se encarrega de transformar a representação em conhecimento, com o auxílio de operações universais, tais como: investigar, compreender, explicar e demonstrar.

A propósito, na concepção de Jablonka, narrar um acontecimento é necessariamente explicá-lo e compreendê-lo a partir de um ponto de vista intelectual. Em consequência disso, a narração é vista não como o fardo da história, mas como um dos seus recursos epistemológicos mais poderosos.

O caminho escolhido por Jablonka para apreender, compreender e explicar a história passa inelutavelmente pelo universo da literatura, pela busca de semelhanças e diferenças que ajudem a caracterizar e a distinguir uma da outra, por considerar que a supressão das fronteiras destruiria não só a história, mas as ciências sociais. Nesse ponto, o autor analisa as duas maneiras de considerar os objetos ficcionais: a intransitiva e a transitiva. A intransitiva considera a ficção como autorreferente, isto é, o único “real” é ela mesma; enquanto a transitiva parte do pressuposto que de qualquer maneira a ficção remete ao “real”.

Contudo, essa relação que a ficção mantém com a realidade – na perspectiva transitiva – pode, conforme Jablonka, se desdobrar em três gêneros: o incrível, o verossímil e as “verdades superiores”, que são analisados e discutidos no momento em que o autor caracteriza a literatura realista, a pós-realista, a objetivista, a não-ficcional e a literatura-verdade, resultando disso a proposição de um conceito de literatura mais complexo e mais plástico.

Ainda tratando da ficção, o autor destaca as formas pelas quais é possível abordá-la (como representação ou como operação cognitiva) e algumas de suas potencialidades (dizer algo sobre a sociedade; oferecer ferramentas para a compreensão de uma época, de uma configuração familiar ou social; provocar uma compreensão instantânea, proporcionando uma chave para a

<sup>4</sup> A propósito, “este doble criterio de inteligibilidad y pertinencia muestra que en una historia el argumento de la verdad no basta. Un abismo separa el hecho trivial verdadero, presentado como tal, y la producción del conocimiento”. JABLONKA, Ivan, *op. cit.*, p. 134.

<sup>5</sup> Por estar desprovida do sufixo “mento”, a palavra “raciocínio” talvez deixe escapar a ideia de ato ou efeito de raciocinar que as palavras “raisonnement” e “razonamiento” sugerem.

decodificação do real; ser capaz de transmitir a dor e a crueldade; ajudar a construir um saber sobre o mundo). Ele trata demoradamente da ficção porque considera que a história – definida por seu desejo de verdade – é uma literatura que obedece a regras de método e que os aspectos literários<sup>6</sup> não são obstáculos para a produção do conhecimento científico.

A ficção, de acordo com Jablonka, possibilita a abstração<sup>7</sup>, que é uma ferramenta imprescindível e legítima para as ciências sociais. Em história, os procedimentos que caracterizam o raciocínio histórico também se utilizam de abstrações, que ele denomina de ficções de método: fabricações intelectuais que permitem o afastamento dos fatos precisamente para pensá-los e questioná-los.

As ficções de método da história podem ser divididas, segundo Jablonka, em quatro famílias conceituais: o estranhamento, a plausibilidade, a conceitualização e o procedimento narrativo. O estranhamento tem a ver com a necessidade de se tomar distância do real para definir o problema, sendo necessário empreender um processo de desfamiliarização (atividade feita de rechaço e maravilhamento). Para o autor, a plausibilidade configura-se como a terceira via, introduzida por Aristóteles, ao dualismo platônico baseado no par verdadeiro/falso, sendo, dessa forma, a possibilidade mais sólida na escala dos graus de verossimilhança na história<sup>8</sup>, pois é capaz de ajudar a esclarecer situações para as quais as fontes são mudas ou fragmentárias. No que tange à conceitualização, ele afirma que os postulados, as categorias, as explicações causais, as metáforas, as abstrações, os conceitos – tudo isso – são ficções de método ou construções imaginárias que possibilitam um distanciamento do real. Já os procedimentos narrativos têm a função de dar vida ao relato, aproximando o leitor do objeto de estudo.

Sem solução de continuidade, o autor questiona a oposição liberdade X regras, considerando que as regras não só não impedem como ainda estimulam a criação, na qual o historiador pode utilizar todos os recursos ficcionais, inclusive a riqueza dos estilos. Conforme Jablonka, os estilos mais apropriados para a história e para as ciências sociais são: o não-estilo; o estilo agradável; o estilo romântico; o estilo irônico, o estilo ático e o estilo contido, estando cada um desses estilos caracterizado e exemplificado pelo autor.

Jablonka trata ainda da grandeza e da miséria das notas, traçando sua gênese (ver nota 2), enumerando e caracterizando suas funções (pedagógica, deontológica, crítica, carismática). Indispensável para quem quer fazer ou parecer que faz história, a nota, esclarece autor, desfaz o mito da autonomia do escritor, do gênio criador que tira um universo inteiro de sua imaginação e que não quer estar em dívida com nada nem com ninguém. Por esses motivos,

<sup>6</sup> “No existe, por lo tanto, la certeza de que, desde un punto de vista sintáctico, semántico o narrativo, la ficción tenga algo ‘que le sea privativo’”. *Idem, ibidem*, p. 245.

<sup>7</sup> Aliás, para Marc Bloch, “nenhuma ciência seria capaz de prescindir da abstração. Tampouco, aliás, da imaginação”. BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 144.

<sup>8</sup> Essa ideia não é nova: “Ora, nossa atmosfera mental não é mais a mesma. A teoria cinética dos gases, a mecânica einsteiniana, a teoria dos quanta alteraram profundamente a noção que ainda ontem qualquer um formava sobre a ciência. Não a diminuíram. Mas a flexibilizaram. Substituíram, em muitos pontos, o certo pelo infinitamente provável, o rigorosamente mensurável pela noção da eterna relatividade da medida”. *Idem, ibidem*, p. 49.

ele metaforiza a nota como sendo uma sala de máquinas, compreendendo que o leitor prefira ficar na sala de estar.

Jablonka considera que a institucionalização da história reduziu seu universo de leitores, que ficou circunscrito à Academia, aos pares. Criou-se, em decorrência disso, no âmbito da história, um tabu em torno do tema do leitor. Todavia, o autor acredita que é possível e necessário reabilitar nas ciências sociais tanto o prazer do leitor quanto o do investigador, que não deve ter medo de abordar um tema que o toca pessoalmente.

Posto isso, o valor de um relato histórico está na qualidade das perguntas que um investigador (se) faz, das fontes, das provas e da explicação (pautada no raciocínio histórico) que ele apresenta, visto que apartado de um raciocínio e de uma demonstração, um relato factual ou o fato em si não vale grande coisa, consoante o autor.

Por esses motivos, Jablonka propõe a conciliação<sup>9</sup> entre as ciências sociais e a literatura e, conseqüentemente, a modernização das ciências sociais por meio do ajuste da sua escrita ao esforço de compreensão, explicação e verificação que constitui sua razão de ser, tendo em vista aquilo que se quer evitar, como por exemplo: o modo objetivo.

Na concepção do autor, a modernização das ciências sociais deve passar, sobretudo, pela rejeição ao modo objetivo, visto que é incompatível com as atuais exigências das ciências sociais, pois nega a subjetividade do narrador ao dissimulá-la em uma ausência-onipresença. Em virtude disso, essa modernização deve passar pela assunção do “eu”<sup>10</sup> ou pela adoção daquilo que Jablonka denomina segunda subjetividade, isto é: saber e dizer o lugar de onde se fala. No entanto, isso só é possível se se partir do princípio da transparência<sup>11</sup>, que é o raciocínio em sua honestidade maior: dizendo as coisas e mostrando como estão feitas.

Aliás, foi justamente esse princípio que me fez pensar naquela metáfora do livro como catedral gótica<sup>12</sup> no início desta resenha: quando me deparei



<sup>9</sup> “Es posible, por lo tanto, tender un puente entre las ciencias sociales y la literatura sin retroceder ni hacia el sistema de las belas letras ni hacia el escepticismo posmoderno”. JABLONKA, Ivan, *op. cit.*, p. 257. “La cuestión pasa más bien por inscribir las ciencias sociales en una forma que tenga a la vez algo de la investigación, el testimonio, la autobiografía, el relato: historia en cuanto pone en juego un razonamiento, literatura en cuanto da vida a un texto. Esta hibridización permite no solo representar las acciones de los hombres, sino también comprenderlas por obra de un razonamiento que, desplegado en un texto, produce una emoción”. *Idem, ibidem*, p. 293. “Una forma híbrida que podemos llamar texto-investigación o *creative history*: una literatura capaz de decir algo verdadero sobre el mundo”. *Idem, ibidem*, p. 23.

<sup>10</sup> “Es preciso además que assuma su yo [moi], su arraigo espacio-temporal, su categoría social, sus intereses, su filosofía, su posición en el campo, es decir que calcule la distancia que separa su punto de anclaje y el objeto de estudio que se ha asignado. Ese esfuerzo de localización ayuda a no enganarse con los propios prejuicios, a no ser rehén de sus intereses, una marionete de sí mismo. Nos permite, mejor que la empatía y el *Verstehen*, liberarnos de nosotros mismos”. *Idem, ibidem*, p. 296.

<sup>11</sup> “La verdadera transparencia es la calidad democrática que tiene una gestión (o una decisión) cuando es íntegra y se ajusta a procedimientos conocidos por todos. El razonamiento, por lo tanto, es transparente cuando es analítico, es decir, integralmente explicitado y assumido; cuando se basa en definiciones claras, hipótesis, deducciones, ejemplos y contraejemplos. Cuanto más visible es, más se perciben sus engranajes, sus líneas de fuerza y de fala, sus límites. El esfuerzo por no ocultar nada, que no tiene nada que ver con exhibicionismo, es también un llamado a la discusión, a esa amistad-rivalidad que funda todas las ciencias”. *Idem, ibidem*, p. 309.

<sup>12</sup> Posto que “hay libros-catedrales”. *Idem, ibidem*, p. 288. Dessa forma, “así como hay techos con vigas a la vista, hay relatos con pruebas a la vista, una historia con entramados, que consiste en mostrar cómo se sostiene todo el edificio. La investigación se exhibe en su totalidad - estructura, construcción, molduras”. *Idem, ibidem*, p. 306.

com o conceito de transparência, quase no final do livro resenhado, percebi que havia semelhanças formais e conceituais entre o livro de Jablonka e as características essenciais da arquitetura gótica e do pensamento escolástico, analisados e comparados por Erwin Panofsky, no livro *Arquitetura gótica e escolástica*.

No referido livro, Panofsky afirma que há analogias entre arquitetura gótica e o pensamento escolástico. A partir daí, para fundamentar sua tese, Panofsky apresenta dois princípios do pensamento escolástico: “a *manifestatio*, a explicitação ou a clarificação, [...] primeiro princípio organizador da escolástica em sua fase inicial e do apogeu”<sup>13</sup> e o segundo, “a *concordantia*”, refere-se ao “reconhecimento de possibilidades contraditórias e por sua conciliação”<sup>14</sup>. Além disso, segundo Panofsky, o esquematismo dos textos escolásticos possui três exigências básicas “1. Completude (enumeração suficiente); 2. Ordenamento segundo um sistema de partes equivalente e de partes das partes (estruturação suficiente<sup>15</sup>); 3. Clareza e força probatória (relação de reciprocidade suficiente<sup>16</sup>)”.<sup>17</sup> Por fim, Panofsky afirma que no gótico tardio, período posterior ao do apogeu, entra em cena um subjetivismo, que “encontra sua expressão mais característica na gênese da interpretação perspectivada<sup>18</sup> do espaço”.<sup>19</sup>

Portanto, de modo hipotético, é possível afirmar que há homologias morfológicas e conceituais entre o livro *La historia es una literatura contemporánea*, a arquitetura gótica e os princípios elementares do pensamento escolástico, apresentados por Panofsky. Essa hipótese ancora-se nos seguintes indícios: 1º) porque Jablonka aborda teoricamente e põe em prática o princípio da transparência democrática; 2º) porque ele assume uma subjetividade lúcida (segunda subjetividade) e uma perspectiva autoreferenciada; 3º) porque o autor estrutura sua exposição segundo um sistema de partes e partes das partes, tornando o objeto explicitamente manifesto (*manifestatio*) e demonstrando a utilidade e funcionalidade de cada um dos elementos que estruturam a histó-

<sup>13</sup> PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica*: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 20.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p. 46.

<sup>15</sup> “A segunda exigência que a escolástica fazia ao texto, a ‘estruturação segundo um sistema de partes e partes das partes homólogas’” (*idem, ibidem*, p. 32), é atendida criteriosamente por Jablonka ao longo de todo livro e a propósito de cada um dos elementos analisados. Segundo Panofsky, “foi no século XIII que os grandes tratados passaram a ser estruturados segundo um plano global (*secundum ordinem disciplinae*), que conduz o leitor passo a passo de um pensamento a outro, chamando constantemente sua atenção para tal procedimento. Toda a obra é subdividida em *partes* que podem ser desdobradas em partes menores – como o segundo segmento da *Summa Theologiae* de Tomás de Aquino – e estas, por sua vez, em *membra, questiones, ou distinctiones* e estes, finalmente, em *articuli*”. *Idem, ibidem*, p. 23.

<sup>16</sup> “As possibilidades teoricamente infinitas de desdobramento das estruturas de uma edificação são delimitadas pela terceira condição estabelecida em relação ao tratado escolástico: ‘clareza e força probatória dedutiva’. De acordo com as exigências clássicas do apogeu escolástico, os elementos individuais, ainda que pertençam a um todo indivisível, devem realçar sua identidade, de modo a distinguir-se claramente uns dos outros”. *Idem, ibidem*, p. 34. Dessa forma, “quem quer que estivesse impregnado do espírito escolástico, encarava a configuração arquitetônica, assim como a literatura, do ponto de vista da *manifestatio*. Considerava perfeitamente natural que o objetivo principal dos muitos componentes de uma catedral fosse a garantia da estabilidade, assim como considerava dado que os muitos componentes da *Summa* visassem sobretudo garantir sua força probatória”. *Idem, ibidem*, p. 42.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 21.

<sup>18</sup> “A perspectiva – por mais imperfeito que fosse seu manejo no início – passa a descrever não apenas o que se vê, mas como se vê uma coisa sob determinadas condições”. *Idem, ibidem*, p. 11.

<sup>19</sup> *Idem*.

ria; 4º) porque ele expõe com clareza seus argumentos e os alicerça em provas numerosas e substanciais; 5º) porque Jablonka propõe (vide nota 9) uma conciliação (*concordantia*) entre as ciências sociais e a literatura, sugerindo a hibridização da escrita das ciências sociais.

Assim, acreditando que “a época das ortodoxias parece, pois, ultrapassada; [e que] vivemos, muito felizmente, na época das heresias ecléticas”<sup>20</sup>, posso dizer, talvez não tão metaforicamente, que o livro *La historia es una literatura contemporánea* é uma catedral metahistórica. Esta foi a ficção de método que me conduziu até aqui.

*Resenha recebida em 1 de julho de 2020. Aprovada em 6 de agosto de 2020.*

---

<sup>20</sup> BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 308.